

GÊNERO, TRABALHO E VIOLÊNCIA EM A FILHA DO COVEIRO, DE JOYCE CAROL OATES, E O APOCALIPSE DOS TRABALHADORES, DE VALTER HUGO MÃE

Paula Queiroz Dutra^{*}

Universidade de Brasília

Resumo: Este trabalho tem por objetivo problematizar as representações das trabalhadoras e sua relação direta com a violência de gênero na literatura contemporânea. Com base na análise dos romances *A filha do coveiro* (2008), da escritora norte-americana Joyce Carol Oates, e *O apocalipse dos trabalhadores* (2013), do escritor português Valter Hugo Mãe, pretende-se comparar, sob o viés dos estudos de gênero, tanto na autoria feminina quanto masculina, como essas personagens transitam entre o espaço doméstico e o espaço do trabalho, buscando refletir sobre os estereótipos que são construídos/desconstruídos nessas narrativas e sua associação direta com a violência contra a mulher, principalmente em seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Trabalhadoras. Violência contra a mulher. Representação. Literatura Comparada.

Nenhum “nós” deveria ser aceito como algo fora de dúvida,
quando se trata de olhar a dor dos outros.

Susan Sontag, *Diante da dor dos outros*, 2003

Introdução

Pensar a trajetória da incursão feminina na força de trabalho é pensar em assimetrias históricas ainda não superadas apesar de todos os avanços na luta por mais espaço, oportunidades iguais de trabalho e representação. É pensar na violência que limita e castiga mulheres em seu ambiente de trabalho, no desrespeito constante aos seus direitos básicos, na apropriação do seu corpo de forma banal e naturalizada, sem punição. Considerando que a literatura, enquanto representação do mundo social, espaço onde circulam ideologias e



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

^{*} Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: qpaulad@gmail.com.

discursos, pode contribuir para perpetuar tais desigualdades, é importante refletirmos sobre a forma como a figura das trabalhadoras tem sido representada nas narrativas contemporâneas, pois, segundo Miguel e Biroli (2011, pág. 11), “hierarquias e desigualdades sociais são confirmadas e reproduzidas por meio de palavras e imagens que naturalizam comportamentos e pertencimentos”.

Nesse sentido, este trabalho pretende analisar as representações das trabalhadoras em dois romances contemporâneos: *A filha do coveiro* (2008), de Joyce Carol Oates, cuja personagem principal exerce diferentes ocupações ao longo da narrativa, trabalhando como operária, camareira, garçõete e balconista nos Estados Unidos, e *O apocalipse dos trabalhadores* (2013), de Valter Hugo Mãe, que tem como personagens principais duas empregadas domésticas em Portugal, unidas pela cumplicidade da profissão e da amizade.

A violência na autoria masculina

O terceiro romance do escritor português Valter Hugo Mãe, *O apocalipse dos trabalhadores*, narra a história de Maria da Graça, uma empregada doméstica casada com um pescador. O marido, Augusto, passa a maior parte do ano no mar, retornando apenas por uns poucos meses para descanso. Maria da Graça trabalha na casa do senhor Ferreira, um homem aposentado e muito rico, dono de um grande casarão no centro de Bragança. É do trabalho que Maria da Graça retira o seu sustento e com o dinheiro que ganha mantém a sua própria casa com muito custo, porque Augusto não contribui em praticamente nada, mesmo quando retorna dos meses de trabalho no mar.

A história começa com um sonho de Maria da Graça, aliás, um pesadelo, em que diante da porta do céu, barrada por São Pedro, ela nos conta: “matou-me o senhor Ferreira, que há muito me andava a fazer mal” (MÃE, 2013, p. 10). Para indignação de Maria da Graça, São Pedro lhe responde: “como podes esperar o perdão se ficaste ao pé do teu predador quando podias ter fugido”. Já por esse pesadelo tomamos conhecimento da situação peculiar da Maria da Graça, pois, para além da condição precária de trabalho, ela sofre abusos do patrão e, como geralmente ocorre com as vítimas, ela se culpa pelo que de ruim lhe acontece em seu ambiente de trabalho. Os pesadelos de Maria da Graça, ao longo de toda a narrativa, revelam os danos psicológicos causados pelos abusos verbais e físicos (sexuais) que vivencia no trabalho. Ao acordar, ela se lembra de como será seu dia de trabalho limpando e cuidando da enorme casa do senhor Ferreira, uma casa “cheia de generosidade”, mas que era usada “pelo lado contrário do esperado”, e que acaba por ser uma casa “cheia de escuridão” (MÃE, 2013, p. 11). A maneira como a casa é descrita demonstra como Maria da Graça se sente ao

transitar por esses espaços: o espaço de sua própria casa, descrito como um ambiente de muito trabalho que a aprisiona pelo casamento, e a casa do senhor Ferreira, um lugar amplo que poderia ser um espaço de liberdade, por estar longe do marido e por ser a origem do seu sustento, mas que termina por ser um ambiente opressor, sombrio, local onde as janelas estão sempre fechadas, onde lhe falta ar, e onde os abusos do senhor Ferreira ocorrem.

Para o senhor Ferreira, o corpo de Maria da Graça também faz parte do serviço pelo qual paga, desrespeitando-a como trabalhadora e como mulher. Apesar das tentativas de reclamar e reprimir os assédios do senhor Ferreira, Maria da Graça, em posição duplamente subalterna, por ser mulher e por ser a empregada doméstica, nunca é ouvida. As conversas do senhor Ferreira, “aquelas conversas que seriam só para a impressionar e rebaixar”, como afirma Maria da Graça no texto de Valter Hugo Mãe, revelam que ela se sente diminuída e humilhada pelo conhecimento e cultura do seu patrão. As mesmas conversas eram também usadas para “justificar” a conduta inaceitável do senhor Ferreira por meio de um discurso fundamentado na opressão histórica das classes trabalhadoras:

ele levantava-se, punha-lhe as mãos nos ombros, inclinava-se um pouco à altura dela e beijava-a. não é que esteja certo, dizia ele, não estará com certeza, mas ambos sabemos o nosso lugar e é dessa forma que a sociedade se estrutura, é essa consciência que faz com que não se desmorone. e maria da graça trouxe cor a esta casa, eu já lhe disse isso. depois voltava a dobrar-se sobre a mulher e a tapar-lhe a boca com a sua, perscrutando a língua dela como se caçasse bichos ali dentro. o senhor ferreira não devia, ainda ontem aconteceu, e depois tenho pesadelos à noite, interrompia ela. pois eu sonho belissimamente, respondia-lhe ele¹. (MÃE, 2013, p. 11)

O discurso do patrão reitera que o subalterno não tem voz, e Maria da Graça, mesmo quando tenta reclamar, não é ouvida. Assim, acaba por “aceitar” que não há outro destino possível, além de sofrer e viver a sua vida difícil, demonstrando certa consciência da grande desigualdade de gênero existente, principalmente no ambiente de trabalho, mas sem esboçar nenhuma reação, como vemos nos trechos a seguir:

para um homem, achava, as coisas estavam feitas de modo diferente. os empregos são melhores, as liberdades maiores, e até a consciência distinguia uns de outras. para as mulheres, uma devassidão era já um perigo de grande luxo. se alguém o descobrisse, não arranjaria a maria da graça mais chão para esfregar. o senhor ferreira voltava a sorrir e a investir sobre ela como se mais animado, tão mais divertido quanto excitado. não seja ingênua, maria da graça, se descobrisse o quanto, digamos, gostamos um do outro, haveriam de a cobiçar até lhe porem a mão como eu. se aquilo era honestidade, a maria da graça não sabia. sentia-se como vulgar,

¹ Os quatro primeiros romances do escritor português Valter Hugo Mãe, que constituem uma tetralogia por narrar as etapas da vida, desde a infância até a velhice, foram escritos em letras minúsculas como uma opção estilística do autor, na tentativa de aproximar mais a escrita da oralidade, conforme declarado pelo mesmo em entrevistas. Depois disso, Valter Hugo Mãe voltou a fazer uso das maiúsculas nos romances subsequentes. Sempre que citarmos um trecho do livro, manteremos o uso apenas em minúsculas como consta no romance.

com o maldito categoricamente afirmando que lhe punha as mãos pela oportunidade. era como ouvia cada palavra, enquanto uma mão limpava a casa, a outra limpava o ego imperialista do patrão. (MÃE, 2013, p. 12)

se ela estava casada e ele tão bem sabedor disso, ele não seria mais do que um oportunista, aproveitando-se da sua condição humilde de empregada para se pôr nela e acentuar a sua ignorância falando-lhe das maravilhas do mundo. a maria da graça sabia bem que era homem com soberba e nenhum escrúpulo, sempre pronto para a submeter aos seus caprichos e ultrapassar largamente o que lhe competiria exigir enquanto patrão. para sobreviver à violência da situação, concentrava-se no dinheiro que ganhava e julgava a vida como difícil e para ela o difícil era suportável até um ponto de exagero assinalável. (MÃE, 2013, p. 13)

Margareth Rago (2013, p. 579), discutindo trabalho feminino e sexualidade no Brasil, observa que a inserção da mulher no mercado de trabalho sempre foi acompanhada de muitas denúncias, não apenas de baixos salários e longas jornadas, mas também de maus tratos e contínuo assédio sexual por parte dos patrões. Rago ainda observa que a identidade das mulheres trabalhadoras é muito mais uma construção masculina do que um retrato da percepção que as mulheres têm de sua própria condição social, sexual e individual no ambiente de trabalho. Enquanto construção masculina, a representação das trabalhadoras é quase sempre a de uma figura frágil, vitimizada e facilmente oprimida, nunca apresentando resistência. Isso corrobora o que afirma Gayatri Spivak (2010): o subalterno é privado de voz, uma vez que, mesmo que fale, não será ouvido.

Apesar de provenientes de uma observação do cenário brasileiro, as observações de Margareth Rago podem ser aplicadas ao analisarmos a personagem Maria da Graça, pois semelhanças são percebidas no romance de Valter Hugo Mãe. A personagem Maria da Graça é claramente uma construção masculina, pois reproduz um estereótipo de mulher submissa, que não reage em momento algum aos assédios sexuais com que se depara em seu ambiente de trabalho, e ainda se impressiona com o discurso pomposo e intelectual do seu patrão, uma imagem que só valoriza a dominação masculina. Relembrando Bourdieu (2011, p. 52), “o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder”. Maria da Graça, enquanto construção masculina reforça, portanto, a dominação masculina que historicamente tem legitimado a violência contra a mulher, principalmente em seu ambiente de trabalho. Estudos como o de Pondaag (2009) revelam que poucas mulheres em relações conjugais violentas demonstram se perceber como vítimas de violência, embora falem de suas vivências como geradoras de grande sofrimento. Uma visão tradicional e estereotipada dos papéis masculinos e femininos levam as mulheres a minimizar e até mesmo justificar os atos violentos que sofrem.

os beijos dele eram ocres, mais velhos e confusos, como se aflitos de sôfregos ou sem tempo. pareciam-lhe à pressa. e ela não gostava deles de modo algum. limpava a cozinha mais devagar atormentada pela sua presença que, antes ou depois da lida, lhe haveria de pôr a mão, uns dias para mais, outros para menos. e ela ficava com a louça nos esfregões mais tempo, a procurar no efêmero das bolas de sabão uma saída para as suas tormentas. a maria da graça queria negar a si mesma o fato de se ter apaixonado por ele. (MÃE, 2013, p. 13)

Uma questão importante que deve ser considerada na representação da protagonista, principalmente por ser uma construção masculina, é o fato de Maria da Graça “ter se apaixonado por ele”, como vemos na última linha do trecho anterior. Essa afirmação ambígua sobre o amor pelo senhor Ferreira aparece em vários momentos da narrativa e é problemática, uma vez que é o leitor quem vai buscar compreender esse fato a partir dos seus próprios valores e preconceitos, podendo compreender como verdade um estereótipo que em nada favorece as mulheres.

Segundo Morgan (2001, p. 216), os efeitos do assédio sexual são tão diversos e complexos quanto as mulheres que dele são vítimas. Além disso, os valores individuais sobre gênero, sexo, trabalho e relacionamento podem ditar o tom dessa experiência, que não pode ser descrita da mesma forma para todas as mulheres. Como a experiência do assédio é humilhante e traumática, a maioria das vítimas sente uma raiva intensa e, sem formas de expressá-la completamente, o comportamento depressivo e autodestrutivo pode se estabelecer. O sentimento de tristeza profunda que vai tomando conta da personagem Maria da Graça ao longo da narrativa é mais um reflexo da violência emocional, psicológica e física a que estava submetida e que provoca o adoecimento, podendo culminar com a morte: “olhar para as notas era um modo de ir vendo o tempo passar, vencendo mais um mês antes do grande evento da sua loucura que, sabia bem, haveria de a levar à morte” (MÃE, 2013, p. 14).

É Quitéria, vizinha e amiga de Maria da Graça, quem tenta alertá-la sobre o estado de confusão em que se encontra: “o velho, um destes dias, mata-te. ouve o que te digo, mulher, és muito nova para te deixares convencer que o amor é sermos violadas” (MÃE, 2013, p. 20). Schwab e Meireles (2014, p. 56) destacam a importância de desconstruir o mito do amor romântico, explorado nessa narrativa de Valter Hugo Mãe, uma vez que muitas mulheres baseiam-se nesse mito para justificarem ou desculparem os parceiros pelas frequentes agressões que sofrem. Para Pondaag (2009) são essas crenças culturais sobre o casamento que contribuem para que a violência seja tomada como o preço a ser pago pelas mulheres, no cumprimento dos papéis femininos socialmente estabelecidos, para a criação de vínculos e relações afetivas.

Outro aspecto que vale mencionar é a dupla, às vezes tripla, jornada de trabalho destinada às mulheres. Se a princípio os homens tentaram impedir que suas esposas trabalhassem, relacionando diretamente o trabalho feminino à questão da moralidade social (RAGO, 2013, p. 585) com o objetivo de manter as mulheres limitadas à esfera privada, posteriormente, a ajuda dos rendimentos da mulher passa a ser fundamental para o sustento da família. Então a mulher passa a ter, além da jornada de trabalho de muitas horas, o acúmulo do trabalho doméstico, não remunerado, que recai quase que exclusivamente sobre ela.

Segundo relatório da Fundação Carlos Chagas, no Brasil as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam outras atividades profissionais. No romance, *Maria da Graça*, além de trabalhar como empregada doméstica, ainda cuida de todas as tarefas da casa, e junto com a amiga, Quitéria, às vezes ainda trabalha como carpideira nos funerais para aumentar a sua renda. O trecho a seguir deixa claro não apenas o silenciamento e a culpa de Maria da Graça diante da violência sofrida, mas também o acúmulo de tarefas nessa dupla jornada de trabalho, diminuída quando comparada com o trabalho do marido:

chegava a casa a cheirar a suor de vergonha. metia-se a banho muito brevemente, para se sentir menos culpada de amar outro homem, e começava a cozinhar. não tardava a entrar o augusto e ele haveria de querer tudo sobre a mesa, convencido até de que o seu cansaço era sempre maior e mais digno de ser respeitado do que o dela. (MÃE, 2013, p. 14)

Depois da morte do senhor Ferreira, Maria da Graça consegue trabalho de algumas poucas horas fazendo limpeza na casa de imigrantes ucranianos, ganhando muito pouco e sofrendo o mesmo tipo de assédio. O novo patrão também pressupõe que o corpo da mulher é continuidade dos serviços prestados, sempre disponível para uso como um mero objeto, e a violência novamente ocorre, assim como se repete a descrição de um comportamento passivo e de aceitação por parte da trabalhadora:

ficou na cozinha a estender toalhas e a espreitar pelo canto do olho quando ele a viria dominar. não precisaria de dizer nada, apenas chegar e colocá-la mecanicamente a seu serviço. [...] talvez ele escutasse os seus passos mínimos e se enchesse de coragem para exigir, pelos oito euros das duas horas de serviço, um extra merecido, porque não estava fácil conseguir trabalho e eram muitas as mulheres que aceitariam estar no lugar da maria da graça. (MÃE, 2013, p. 110)

Para Judith Rollins (1985, p. 7), em sua análise das relações entre empregadores e trabalhadores domésticos, toda relação entre empregado e empregador é desigual. A autora ressalta a associação histórica dessa relação de trabalho com a escravidão em diversas partes

do mundo, assim como a tradição de que aquele que presta um serviço não é apenas de classe inferior, mas também é mulher, de origem rural e pertencente a um grupo étnico menos privilegiado, o que comprova a relação de dominação existente. Para Rollins, esses mesmos elementos podem ser encontrados em outros tipos de relações, não apenas naquelas que envolvem trabalho, mas também nas que possuem ligações sociais e emocionais, como o casamento. Citando o exemplo estadunidense, onde as empregadoras são brancas e as empregadas domésticas são negras ou imigrantes, a autora observa que essa relação contém três estruturas de poder nos Estados Unidos hoje: a estrutura de classe capitalista, a hierarquia patriarcal e a divisão racial do trabalho.

No capítulo *The history of domestic service*, Rollins (1985, p. 21) comenta como o trabalho doméstico sempre esteve associado ao feminino, pois as escravas eram usadas no ambiente doméstico para desempenhar as tarefas antes destinadas às mulheres da família. É daí que também decorre a tradição histórica de que as trabalhadoras domésticas poderiam ser “usadas” sexualmente pelos patrões. A autora ressalta que, até muito recentemente, existia uma forte associação entre trabalhos domésticos e escravidão e aponta que as raízes dos serviços domésticos nos Estados Unidos são oriundas da Europa feudal.

No contexto europeu, houve um grande crescimento no trabalho doméstico no século XIX por duas razões: o crescimento da classe média que, devido à industrialização, agora podia pagar pelos serviços domésticos; e as mudanças na agricultura, que deslocaram grande parte da população jovem das áreas rurais para as cidades em busca de trabalho. Segundo Rollins (1985, p. 36), apesar das vagas na indústria em expansão, foram os valores sociais europeus que, por estabelecerem o trabalho doméstico como aquele que proporcionava mais respeitabilidade, principalmente pela suposta proteção que garantia, pela oportunidade que a trabalhadora tinha de poupar algum dinheiro, e principalmente pelo potencial treinamento para o casamento, que limitaram as mulheres aos serviços domésticos. Diferente do que acontece no Brasil, no contexto europeu, onde a questão étnica perde força, o que prevalece e se potencializa é a questão de classe, pois os empregadores da nova classe média usaram os empregados domésticos para ajudar a firmar sua nova identidade de classe, criando uma linha rígida entre patrões e empregados.

O conceito de dominação simbólica² estabelecido por Bourdieu (2011, p. 18) nos ajuda a pensar a questão da violência contra a mulher no ambiente de trabalho, uma vez que a

² “A força da ordem masculina pode ser ratificada pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se

divisão social do trabalho e as tarefas atribuídas a cada sexo são elementos basilares da dominação masculina que usa a violência como instrumento de naturalização dessa relação. No romance de Valter Hugo Mãe, a exploração dos padrões é retratada como habitual pela personagem Maria da Graça:

a maria da graça sentiu que cobrava oito euros por ser puta. quando a Quitéria lho dissera não vira as coisas daquele modo, mas agora sim, com o sujeito a gemer sem problemas e ela a pensar que estava a desbaratar o amor por um poder triste que não lhe daria os homens, apenas lhos mostrava de perto para depois a deixar ainda mais sozinha. saiu do apartamento dos seis homens e pôs a hipótese de já não distinguir o amor daquela violação a que se habituara a proporcionar. (MÃE, 2013, p. 121)

A situação de exploração sexual a que está exposta Maria da Graça se repete também com seu novo patrão porque a lógica da exploração do trabalho feminino não muda. Como a estrutura social permanece inalterada, só resta à personagem sofrer novamente a violência sexual como parte integrante de seu trabalho remunerado. A questão crítica reside no discurso atribuído à personagem, uma mulher trabalhadora vítima de constante assédio sexual, pois a naturalização dos papéis e padrões relacionais e de gênero, que caracterizam a mulher de forma passiva e submissa, sem capacidade de reação e se apaixonando por seu agressor, são um fardo muito pesado a ser carregado por milhões de mulheres que lutam pelo fim da violência de gênero.

Para Lia Zanotta Machado (1998), em seu estudo sobre o discurso dos apenados por estupro nas penitenciárias de Brasília, é muito perigosa a representação da sexualidade feminina, concebida pelo imaginário dominante, como aquela que se esquiva para oferecer, cujo “não” é tão somente uma forma de sedução e que tende a confundir o erotismo com o estupro. Se o imaginário dominante é também uma construção social, é relevante problematizar as representações de violência contra a mulher como amor, ainda que isso se dê de forma ambígua, uma vez que podem reforçar e naturalizar situações de violência que não devem ser aceitas com indiferença.

Outra questão a ser considerada é a representação da violência como algo natural e intrínseco ao homem, “algo que era mais forte nos homens, não era coisa com que se brincar” (OATES, 2008, p. 247) como comenta a personagem Rebecca no romance de Joyce Carol Oates, ao invés de entender o comportamento violento como algo socialmente construído. Costa e Pimenta (2006), aportando-se aos estudos de Yves Michaud, ressaltam que reduzir a violência ao biológico é correr o risco de reduzirmos os atos de violência a uma causa que se

funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos” (BOURDIEU, 2013, p. 18).

fundamenta meramente no instinto, é desconsiderarmos todos os outros elementos sociais que estão em jogo e que corroboram para o desencadeamento da violência em determinado contexto.

É certo que a descrição da violência contra a mulher, tanto na literatura quanto em outras artes, tem poder de denúncia. Podemos citar o exemplo da música *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque, que é uma denúncia à submissão feminina e, no entanto, nos fala de mulheres que “quando fustigadas não choram/se ajoelham, pedem, imploram/mais duras penas”. Assim como na música de Chico Buarque, a descrição da violência sofrida pela Maria da Garça no romance de Valter Hugo Mãe pode descrever uma situação ainda comum na sociedade portuguesa. Contudo, o problema dessa representação é que ela não permite uma saída positiva para a personagem. Seja representado como violência, seja representado como amor, o poder patriarcal sobre Maria da Graça é tão destrutivo que só pode levá-la à morte. O suicídio de Maria da Graça no final do romance evidencia as limitações dessa representação que tem a morte como único destino possível.

A violência na autoria feminina

O romance *A filha do coveiro*, da escritora estadunidense Joyce Carol Oates, é narrado a partir da perspectiva da protagonista, Rebecca Schwart, uma mulher jovem, casada com Niles Tignor, um representante de vendas, e mãe de um filho pequeno, Niles. Rebecca é uma operária de uma fábrica de tubos, onde possui uma jornada exaustiva de trabalho pela qual recebe uma baixa remuneração. Assim como a maioria das mulheres, Rebecca acumula uma dupla jornada, pois também é a responsável por todas as tarefas domésticas e cuidados com o filho quando não está na fábrica. Já nas primeiras páginas do romance, o leitor é informado da condição desumanizadora e precária do ambiente de trabalho na fábrica, e do desrespeito aos direitos básicos das trabalhadoras que, representadas por Rebecca, sofrem assédio em seu local de trabalho:

Mordia os lábios até deixá-los em carne viva, de tanto odiá-lo. Ali onde era mais vulnerável, no trabalho. Na linha de montagem da Tubos de Fibra Niágara, onde o barulho a embalava a ponto de levá-la a um estado de transe, ela o ouvia. Onde seus dentes batiam, por causa da vibração da esteira rolante, ela o ouvia. Onde a boca ficava com gosto de bosta seca de vaca, ela o ouvia. Odiava-o! Encolhia-se de repente, achando que podia ser uma piada, uma brincadeira grosseira, um dos babacas dos colegas de trabalho dando gritos em seu ouvido. Como os dedos de um cara cutucando seus seios por cima do macacão ou passando a mão em seu fundilho, e ela ficava paralisada, incapaz de desviar a atenção das tiras de tubos na esteira rolante, que se movia chacoalhando e sempre mais depressa do que a gente queria. O raio dos óculos embaçados machucando o rosto. Ela fechava os olhos e aspirava o ar poeirento e fétido pela boca, o que sabia que não devia fazer. Era um instante deprimente de vergonha, de viver ou morrer, que diabo, que às vezes se abatia sobre

ela, em momentos de exaustão ou tristeza, e ela tateava na esteira, procurando o objeto que naquela hora não tinha nome, identidade nem objetivo, correndo o risco de ter a mão fígada pela máquina de selar e ficar com metade dos dedos esraçalhados (OATES, 2008, p. 11)

A narrativa de Joyce Carol Oates faz ecoar o constante pavor diante da possibilidade de uma violência maior a acontecer com a personagem em seu dia a dia enquanto narra, ao longo da história, inúmeras outras violências, seja na fábrica, seja em seu próprio lar. O ambiente de trabalho é descrito como o lugar “onde era mais vulnerável” e isso se deve à dupla condição de subalternidade que ele encerra: por ser operária e por ser mulher.

Segundo Heilborn e Sorj (1999), no movimento feminista dos anos 1970 prevalecia a ideia de que a exclusão das mulheres do mercado de trabalho estava na raiz de sua subordinação social. Por conta disso, consolidou-se a grande luta por mais espaço e oportunidades na esfera profissional para as mulheres. Contudo, apesar do grande crescimento do emprego feminino industrial a partir de então, o ingresso das mulheres na força de trabalho esteve sempre associado às posições com menor remuneração e menor qualificação. Realidade esta que ainda predomina no Brasil, pois, segundo dados do IBGE (2008), a maioria dos indicadores mostra as mulheres em condições de trabalho menos adequadas que a dos homens, com rendimentos menores, principalmente nos cargos que exigem maior escolarização.

No romance, quando o passado de Rebecca e de sua família é contado - desde a fuga dos pais e dos irmãos das barbaridades do Holocausto ao nascimento de Rebecca, ainda no navio na chegada ao porto de Nova York, um momento que provocou grandes traumas à sua mãe, até a vida da família nas dependências do cemitério, único local onde o pai de Rebecca, Jacob Schwart, consegue emprego e um lugar para viver - é possível perceber a construção/reprodução da divisão sexual do trabalho desde a infância. No cemitério, os dois irmãos podem ajudar o pai na manutenção do espaço, enquanto Rebecca é sempre expulsa das conversas e das tarefas, ficando isolada, assim como a mãe, no ambiente privado e doméstico. Apesar de ser uma ótima aluna e ter bom desempenho na escola, pouca importância é dada à inteligência da menina pelo pai, que não vê motivos para uma menina estudar, já que seu destino é o casamento e a maternidade. Como nos lembra Bourdieu (2011, p.103), “é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão garantida pelo direito e inscrita na linguagem”.

O mito romântico de que o casamento confere à mulher um status de maior “respeito” e “proteção” social, ideia que as protagonistas dos dois romances alimentam como uma forma de melhorar de vida, também é contestado nas duas narrativas, tendo em vista que,

apesar de serem casadas, tanto Rebecca quanto Maria da Graça são igualmente vulneráveis em seu ambiente de trabalho. Apesar de serem empregos distintos, em muito se assemelham no que diz respeito à falta de atenção aos direitos das trabalhadoras, à baixa remuneração e à constante violência de gênero de que são alvo. No trecho a seguir, Rebecca descreve o assédio de um dos colegas e podemos observar a dificuldade de vocalizar o seu protesto:

Na fábrica, os homens a deixavam em paz, em geral. Por saberem que ela era casada. [...] No entanto, na semana anterior, tivera de enfrentar um babaca de risinho zombeteiro, que vivia lhe roçando o corpo ao passar por trás dela na linha de montagem, um homem que a examinava de cima a baixo, para deixá-la sem jeito; tinha-lhe dito para deixá-la em paz, diabos, ia reclamar com o capataz, mas, no meio da torrente de palavras, de repente ela havia engolido e a voz ficara sufocada, e o babaca zombeteiro apenas lhe dera um sorriso. *Hum, boneca! Eu gosto de você.* (OATES, 2008, p. 19-20)

Se a princípio as oportunidades de trabalho para as mulheres eram negadas, principalmente pelos maridos, com o objetivo de mantê-las aprisionadas à esfera privada e sob seu controle, com o crescimento industrial houve uma grande demanda pelo trabalho feminino, que era bastante lucrativo para as indústrias, uma vez que conseguiriam um aumento da produção por uma remuneração bem menor, justificada muitas vezes pela pouca qualificação que as mulheres possuíam. Dessa forma, as mulheres estiveram sempre restritas a funções ditas “menores”. Com o tempo, no entanto, o trabalho das mulheres passou a ser uma importante contribuição para o orçamento doméstico e a situação temporária inicial acaba por se tornar permanente, ainda que, no quesito direito, continuassem a ser consideradas como funcionárias temporárias. Cláudia Fonseca (2013, p. 517) ao comentar a situação das mulheres pobres e trabalhadoras no Brasil, destaca que, apesar de ser evidente que em muitos casos a mulher trazia o sustento principal da casa, como vemos de forma semelhante nos dois romances, o trabalho feminino continuava a ser apresentado, até mesmo pelas mulheres, como um mero suplemento à renda masculina.

Trabalhava desde março na Tubos Niágara. Linha de montagem, mão-de-obra não qualificada. Mesmo assim, as fábricas pagavam melhor do que a maioria dos outros empregos para mulheres – garçoneiro, faxineira, balconista. Não era preciso sorrir para os fregueses, ser “gentil”. Era só um emprego temporário, ela dissera a sua amiga Rita, que também trabalhava na linha de montagem da Tubos Niágara, e Rita dera uma risada, dizendo, é claro, a Tubos Niágara também era só um lugar temporário para ela. “Faz quase sete anos.” (OATES, 2008, p. 20)

Depois da morte trágica dos pais e antes de se casar com Tignor, Rebecca, ainda menor de idade, começa a trabalhar como camareira no principal hotel da cidade. Orientada pelas amigas e novas colegas de trabalho a dizer que tinha dezoito anos, Rebecca é contratada “sem registros, para facilitar as coisas” (OATES, 2008, p. 219). Logo Rebecca é informada de

que as funcionárias que aceitam “dar umas voltinhas com o patrão” (OATES, 2008, p. 220) conseguem alguns pequenos benefícios, o que destaca a naturalização da violência contra as trabalhadoras.

Ao constatar a quantidade de empregados que o hotel possuía e observar os uniformes que vestiam, percebe-se a hierarquia existente entre as funções exercidas por homens e mulheres: “A maioria usava uniformes que indicavam sua função e seu nível. Os uniformes mais bonitos eram os dos homens” (OATES, 2008, p. 221). O padrão de ocupação das mulheres pode ser observado nos empregos citados como “para mulheres”, ou seja, o setor de prestação de serviços (alimentação, educação, saúde, serviços pessoais e serviços domésticos), sempre em posições subalternas, notadamente invisíveis, e que proporcionavam o mesmo tipo de experiência, afinal “ser esposa e mãe não devia ser muito diferente” (OATES, 2008, p. 224), como constata Rebecca sobre seu trabalho de camareira.

Silvia Yannoulas (2011) aponta dois conceitos importantes para pensarmos as relações entre gênero e trabalho e, principalmente, suas implicações políticas: a feminização e a feminilização das profissões e ocupações. A feminilização é o significado quantitativo, relacionado ao aumento da força de trabalho feminina na composição de uma profissão ou ocupação. Já a feminização refere-se ao significado qualitativo, ou seja, a transformação do valor social de uma ocupação em virtude do aumento da participação feminina, como ocorreu com os serviços domésticos e com o magistério, como aponta o estudo de Silvia Yannoulas. A atribuição de “valor” a determinada ocupação por ela ser exercida principalmente por mulheres está diretamente ligada à concepção de gênero predominante em uma época. Isso pode ser observado na citação anterior, quando Rebecca descreve os empregos “para mulheres”.

Considerando a história de Rebecca e sua família, estigmatizados por serem imigrantes e judeus desde sua chegada aos Estados Unidos, e sempre em evidência por isso, a invisibilidade que tinha no trabalho, apesar dos assédios sofridos por parte do patrão e dos clientes, lhe proporcionava um espaço de solidão que até então não havia encontrado no espaço doméstico. Assim como o trabalho mecânico e repetitivo da fábrica, que permitia uma espécie de desligamento de suas preocupações e dores, o trabalho como camareira também demonstra o lado mais desumanizador dos ambientes de trabalho:

Era a solidão desse trabalho que ela adorava. Desfazendo as camas, tirando toalhas sujas dos banheiros, passando o aspirador nos carpetes, ela podia resvalar para um raso sonho hipnótico. Um quarto vazio de hotel e ninguém para observá-la. O que mais gostava era do momento de destrancar a porta e entrar. Porque, como camareira, tinha a chave mestra de todos os quartos. *Ela*, Rebecca Schwart, que não

era ninguém. Mas podia circular pelos quartos do Hotel General Washington, invisível. (OATES, 2008, p. 222)

A condição subalterna da mulher trabalhadora e sua invisibilidade são representadas em cada uma das ocupações desempenhadas por Rebecca ao longo do romance. A violência e a condição precária de trabalho estão presentes tanto na fábrica quanto em sua função como camareira. São essas parcas recompensas, como descrito no trecho acima, quando Rebecca pode ter alguns minutos de solidão em um dos quartos do hotel, onde circula invisível, sua única satisfação possível.

Considerações finais

Com base no que foi possível observar nos dois romances, ambientados nos Estados Unidos e em Portugal, podemos constatar que há mais semelhanças do que diferenças na representação das relações de trabalho dessas mulheres que, segundo os indicadores já citados, apesar das muitas conquistas, ainda demonstram habitar um campo com profundas desigualdades. A precariedade das condições do trabalho feminino ainda revela assimetrias enraizadas em uma tradição patriarcal de dominação e subordinação. À medida que aumenta significativamente a participação das mulheres no mercado de trabalho, a violência de gênero nesse contexto só evidencia o quanto é precisa a afirmação de Claudia Mazzei Nogueira (*apud* DUTRA, 2014, p. 98) de que “a precariedade no mundo do trabalho tem gênero”.

É relevante também destacar que a violência de gênero é um problema presente em vários espaços, não se restringindo ao espaço doméstico como muitos acreditam. Ela está presente na vida de mulheres em seu ambiente de trabalho, e também nos espaços públicos. Isso pode ser observado nos dois romances, que ao descrever o constante medo sentido pelas personagens, revelam o problema de representações que reafirmam uma passividade e aceitação por parte das mulheres de situações que precisam e devem ser combatidas. Com isso, vale registrar o entendimento de Morgan (2001, p. 220) que compreende que “toda violência de um homem contra uma mulher é política; mas poucas experiências conectam de forma tão evidente o pessoal ao político quanto o assédio sexual no trabalho”³.

Considerando a função social da literatura e a possibilidade de reflexão sobre um tema tão relevante quanto a violência contra a mulher que ela possibilita, é importante observar a questão da autoria nos dois romances analisados. O que se destaca é a diferença na representação da figura feminina perante uma situação de violência entre a autoria feminina e

³ “All male violence against women is political; but few experiences so blatantly connect the personal with the political as that of being sexual harassed at work” (tradução minha).

a autoria masculina. O romance de Valter Hugo Mãe, apesar de descrever situações de violências vivenciadas por milhares de trabalhadoras diariamente em todo o mundo, reproduz um discurso de subordinação e passividade da mulher que, de forma ambígua, estabelece violência como amor através da personagem feminina, o que em nada favorece as mulheres em sua luta pelo fim da violência constantemente vivenciada. Ao compararmos a voz das duas personagens femininas, Maria da Graça e Rebecca, fica evidente a importância da perspectiva feminina ao narrar essas situações de violências, tanto no trabalho como no ambiente doméstico, temática abordada nos dois romances, pois na autoria feminina vemos uma mulher que sofre, mas que procura reagir, que planeja se defender e se libertar da violência de gênero. Apesar de ter como ponto positivo a personagem Quitéria, amiga de Maria da Graça que é uma espécie de *alter ego* da vítima, lembrando-a em alguns momentos que “o amor não é sermos violadas”, é problemática a ambiguidade da representação da violência sofrida no trabalho como amor como vemos no romance de Valter Hugo Mãe, pois isso pode reforçar um discurso que assume como natural a violência contra as mulheres, ou pior, que reconhece como amor uma agressão sofrida. Mesmo depois da morte do senhor Ferreira, Maria da Graça continua a sofrer, como é comum em casos de grande trauma emocional e físico que o sofrimento persista por algum tempo, às vezes por toda a vida, mesmo depois da interrupção da situação de violência. Os casos de suicídio entre mulheres vítimas de abusos, sejam eles sexuais, físicos ou psicológicos, por parceiros íntimos ou não, denunciam a gravidade e a complexidade do problema, assim como a importância de se oferecer apoio às vítimas. Na autoria masculina, no entanto, a dor e o sofrimento dessas mulheres são descritos como um desejo quase que inato de querer “morrer de amor”, de só validar sua existência através do casamento e de um ideal romântico, e isso descreve os valores de uma sociedade patriarcal que desconsidera a experiência feminina, ocultando o verdadeiro sofrimento de mulheres que precisam acreditar, mais do que nunca, que é possível resistir e ter esperança.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, Marcia Regina; PIMENTA, Carlos A. Máximo. *A violência: natural ou sociocultural?* São Paulo: Paulus, 2006.

DUTRA, Renata Q. *Do outro lado da linha*. Poder Judiciário, Regulação e Adoecimento dos trabalhadores em call centers. São Paulo: LTR, 2014.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 510-553.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/102_653_EstudosdeGeneronoBrasil1.pdf> Acesso em: 06/07/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho*. Brasília: IBGE, 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_mulher/Suplemento_Mulher_2008.pdf. Acesso em: 06/07/2015.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, São Paulo: Unicamp, v.11, 1998, p. 231-273.

MÃE, Valter Hugo. *O apocalipse dos trabalhadores*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Gênero, mídia e política. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia*. São Paulo: EditoraUnesp, 2011, p. 11-33

MORGAN, Phoebe. Sexual harassment: violence against women at work. In: RENZETTI, Claire et al (Ed.). *Sourcebook on violence against women*. London: SagePublications, 2001. p. 209-222.

OATES, Joyce Carol. *A filha do coveiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PONDAAG, Miriam C. M. *Sentidos da violência conjugal: a perspectiva de casais*. 2009. 234 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ROLLINS, Judith. *Between women: domestics and their employers*. Philadelphia: Temple University Press, 1985.

SCHWAB, Beatriz; MEIRELES, Wilza. *Um soco na alma: relatos e análises sobre violência psicológica*. Brasília: Logos 3, 2014.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.

[Recebido em fevereiro de 2015 e aceito para publicação em junho de 2015]

Gender, work and violence in *The gravedigger's daughter*, by Joyce Carol Oates, and *O apocalipse dos trabalhadores*, by Valter Hugo Mãe

Abstract: This article aims to discuss the representation of female workers and its relation to gender violence in contemporary literature. Based on the analysis of the novels *The*

gravedigger's daughter (2008) by Joyce Carol Oates, and *O apocalipse dos trabalhadores* (*The workers' apocalypse*) (2013) by Portuguese writer Valter Hugo Mãe, we aim to compare how the characters shift between domestic space and their workplace. Considering the perspective of gender studies and female/male authorship, we will discuss the stereotypes that are created in these narratives and their implications to incidents of violence against women, especially at their workplace.

Keywords: Gender studies. Female workers. Violence against women. Representation. Comparative studies.

